



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences
ISSN: 1679-7361
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Ouriques, Helton Ricardo

O turismo internacional na economia-mundo capitalista: elementos para uma crítica
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 34, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 147-157
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325404004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



O turismo internacional na economia-mundo capitalista: elementos para uma crítica

Helton Ricardo Ouriques

Departamento de Economia e Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, 88049-970, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: helton@cse.ufsc.br

RESUMO. Existe um consenso na literatura sobre turismo de que esta atividade significa um passaporte para o desenvolvimento de países e regiões periféricas. Contudo, dados disponíveis sobre a atividade turística evidenciam a existência de uma concentração da renda gerada pelo setor. O artigo mostrará que tanto os fluxos de turistas quanto as receitas turísticas estão concentradas nas economias centrais e que as principais empresas hoteléreas estão sediadas nessas economias. Também explicaremos nosso ponto de vista sobre o sentido do desenvolvimento turístico nas periferias do capitalismo, mostrando esta atividade como uma forma de modernização e de reforço das relações históricas entre o centro e a periferia.

Palavras-chave: desenvolvimento, periferia, atividade turística.

The international tourism in the capitalist world-economy: grounds for a critique

ABSTRACT. There is a consensus in the literature about tourism that this activity means a passport to the development of countries and peripheral regions. However, data on tourism activity demonstrate the existence of a concentration of wealth generated by this economic sector. The article shows that both the flow of tourists and tourism revenues are concentrated in the central economies and that the major hotel companies are headquartered in these economies. We will also explain our point of view about the meaning of touristic development on the peripheries of capitalism, showing this activity as a way to modernize and strengthen the historical relations between the center and the periphery.

Key words: development, peripher, touristic activity.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma visão panorâmica e crítica sobre o turismo internacional¹. Para tanto, mostraremos algumas evidências da concentração da riqueza do setor turístico, que parece reproduzir a estratificação da economia mundial, tal como descrita por Giovanni Arrighi (1997)². Essa estratificação, proposta pelo autor, mostra uma hierarquia dos Estados nacionais em um esquema tripartite: núcleo orgânico, semiperiferia e periferia. Tal esquema segue a análise dos sistemas mundiais:

A análise dos sistemas mundiais concebe o capitalismo como um sistema evolucionário no qual a estabilidade do todo tem como premissa a mudança perene nas e das partes. As relações núcleo orgânico-periferia não são exceção. Supõe-se que os

tipos de insumos, produtos e técnicas de produção e distribuição e as posições em redes de comércio e alocação de recursos que dão aos Estados capacidades diferenciadas de se apropriar dos benefícios da divisão mundial do trabalho mudem continuamente em consequência da introdução e difusão de inovações políticas, econômicas e sociais (ARRIGHI, 1997, p. 214).

Assim, o que é uma combinação ‘central’ e o que é uma combinação ‘periférica’ de atividades varia ao longo do tempo e do espaço da economia mundial. Nesses termos, o que é ‘centro’ e o que é ‘periferia’ não é um posicionamento determinado por uma atividade econômica específica (indústria automobilística, por exemplo), mas pela capacidade de um Estado se apropriar dos benefícios da divisão mundial do trabalho em uma hierarquia de riqueza. Portanto,

[...] quanto mais alto na hierarquia de riqueza está um Estado, melhor posicionados estão seus dirigentes e cidadãos na disputa por benefícios. Suas oportunidades de iniciar e controlar processos de inovação ou proteger-se dos efeitos negativos dos processos de inovação iniciados por outros são distintamente melhores do que as oportunidades dos

¹Portanto, o artigo em questão trata do turismo internacional e não do turismo doméstico.

²Trata-se do livro *A ilusão do desenvolvimento*, publicado em 1997 no Brasil pela Editora Vozes. Essa obra é, na verdade, uma coletânea de artigos do autor. Para uma visão geral sobre a análise dos sistemas mundiais, ver, por exemplo, Arienti e Filomeno (2007).

dirigentes e cidadãos posicionados mais abaixo na hierarquia de riqueza (ARRIGHI, 1997, p. 215).

Em resumo, nos termos de Arrighi, o centro é o '*locus* de acumulação e poder mundiais' e a periferia 'o *locus* da exploração e da impotência'.

É com base nessa perspectiva que apresentaremos alguns dados relativos ao fluxo turístico mundial, às receitas turísticas mundiais e às principais redes hoteleiras mundiais, que trazem pistas sobre os países e regiões que se beneficiam, em escala global, com esta atividade. Os dados sugerem que o comando econômico (em termos de propriedade do capital) e as receitas geradas pelo turismo internacional seguem o padrão estratificado que caracteriza a economia mundial³. Também será feita, nos limites deste artigo, uma apreciação sobre o sentido da expansão turística nas periferias do capitalismo contemporâneo, entendida como uma forma de modernização capitalista e de manutenção das relações históricas de dependência entre o centro e a periferia. O pano de fundo de nossa perspectiva é a linha argumentativa, já manifestada em trabalho anterior (OURIQUES, 2005) de que o turismo não é, por si só, condição necessária e nem mesmo suficiente para que um país ou região periférica alcance o 'desenvolvimento'. O artigo, portanto, tentará apresentar uma perspectiva crítica sobre o desenvolvimento turístico, mesclando dados quantitativos com uma reflexão de caráter teórico sobre o assunto.

Uma perspectiva crítica sobre o desenvolvimento turístico

Antes de apresentarmos os dados estatísticos que embasam a linha argumentativa desse artigo, é necessário tecermos três considerações mais gerais acerca de uma linha de interpretação crítica a respeito do desenvolvimento turístico. Como já ressaltado em outro artigo (OURIQUES, 2007), primeiramente destacamos que, em regiões periféricas, a introdução da atividade turística tem um efeito desestabilizador, de desestruturação das economias preexistentes. Existe, na verdade, um processo geral de decadência, subordinação e mesmo desaparecimento de

³A citação que segue é uma boa síntese sobre essa noção de estratificação: "[...] a análise dos sistemas mundiais afirma que essa hierarquia de riqueza consiste de três camadas ou agrupamentos distintos. Os Estados posicionados no agrupamento superior se apropriam de uma parcela desproporcional dos benefícios da divisão mundial do trabalho e, nesse sentido, constituem o núcleo orgânico da economia capitalista mundial. Os Estados posicionados no agrupamento inferior colhem os benefícios que, no máximo, cobrem os custos a longo prazo da participação na divisão mundial do trabalho e constituem a periferia da economia capitalista mundial. Os Estados posicionados no agrupamento intermediário (Estados semiperiféricos) se apropriam dos benefícios que excedem os custos a longo prazo da participação na divisão mundial do trabalho, mas menos do que é necessário para manter o padrão de riqueza estabelecido pelos Estados do núcleo orgânico". (ARRIGHI, 1997, p. 215). Aqui não faremos uma análise da situação semiperiférica, mas os dados a serem apresentados sugerem a existência de uma polarização mundial, que é um pressuposto analítico da perspectiva de Arrighi (1997), com a qual concordamos.

atividades econômicas tradicionais em prol da modernização turística. Parafraseando Harvey (2005), podemos qualificar esse processo como 'acumulação via espoliação'⁴.

Há inúmeros relatos, na literatura internacional, sobre fenômenos desse tipo. Poirier (1995) traz um bom panorama sobre a situação na Tunísia, mostrando os impactos sociais e ambientais da expansão do turismo naquele país, além do choque cultural entre a cultura islâmica e os valores europeus. Hussey (1989) descreve em detalhes o que ocorreu em Kuta, pequena vila na Ilha de Bali, na Indonésia, mostrando as transformações no modo de vida da população local. Domrös (1990), em seu relato sobre as Ilhas Maldivas, destaca a proibição dos nativos, à exceção dos empregados, frequentarem os lugares de circulação dos turistas. Vargas (1999), descreve a pobreza dos descendentes maias na famosa região turística de Cancun, no México. Chávez (1999) apresenta um breve relato sobre a situação em comunidades indígenas no continente africano e conclui:

[...] na África, os efeitos do turismo sobre as comunidades nativas tem sido sumamente nocivos: expulsão em massa de suas terras, deslocamento econômico, destruição dos valores tradicionais e degradação ambiental (CHÁVEZ, 1999, p. 2).

Em seu estudo, já considerado um clássico, sobre a sociologia do turismo, Krippendorf (1989) sintetizou assim o que denominou 'confisco estrangeiro':

[...] de forma lenta, quase insensível, a direção terá deslizado das mãos dos autóctones. A invasão é perfeita: do exterior pelos turistas, e do interior pelos novos residentes e mão-de-obra estrangeira. 'Este esquema é clássico e ocorre em todos os lugares de forma mais ou menos similar' (KRIPPENDORF, 1989, p. 104, grifo nosso).

Brohman (1996), por sua vez, assinalou a existência de uma série de problemas comuns, associados ao turismo na periferia, que colocam em cheque sua utilidade como um componente das estratégias de desenvolvimento:

[...] estes incluem a dominação estrangeira e dependência, a polarização socioeconômica e espacial, a

⁴David Harvey destaca a persistência de práticas predatórias de acumulação. E, atualizando o conceito de acumulação primitiva de Marx, substituiu-o por acumulação por espoliação. Para ele, "Todas as características da acumulação primitiva que Marx menciona permanecem fortemente presentes na geografia histórica do capitalismo até os nossos dias. A expulsão de populações campesinas e a formação de um proletariado sem terra tem se acelerado em países como o México e a Índia nas três últimas décadas; muitos recursos antes partilhados, como a água, têm sido privatizados (com freqüência por insistência do banco mundial) e inseridos na lógica capitalista da acumulação; formas alternativas de produção e consumo têm sido suprimidas. Indústrias nacionalizadas têm sido privatizadas. O agronegócio substituiu a agropecuária familiar. E a escravidão não desapareceu (particularmente no comércio sexual)" (HARVEY, 2004, p. 121).

destruição ambiental, a alienação cultural e a perda do controle social e da identidade entre as comunidades receptoras (BROHMAN, 1996, p. 18).

O segundo elemento a ser aqui destacado diz respeito à modernização econômica que ocorre, a partir da introdução da atividade turística, veículo da expansão capitalista nas periferias do mundo. O surgimento de uma rede hoteleira, de restaurantes, de atividades de comércio e serviços especializados faz com que parte dos excluídos pelo processo acima descrito acabe sendo ocupada nessas novas atividades. Contudo, como parece ser o padrão típico de quaisquer atividades econômicas que se desenvolvem nas regiões periféricas, inicialmente os postos de trabalho no turismo remuneram precariamente seus trabalhadores, com o agravante que há vários indícios de que os assalariados do turismo recebem remunerações inferiores a de outros setores da economia⁵. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001) reconheceu as características básicas da ocupação no turismo: sazonalidade, precariedade, baixos salários⁶. Some-se a isso a informalidade, característica marcante dos mercados de trabalho nas economias periféricas, e tem-se um quadro nada agradável a caracterizar o turismo, sob essa ótica⁷. Além disso, não são incomuns situações em que a maior parte das ocupações mais qualificadas não beneficia os habitantes locais, conforme descrito por Ankomah (1991) a respeito da África Subsaariana⁸. Mesmo assim, o turismo internacional pode ser compreendido como agente da introdução de relações de trabalho assalariado em várias localidades periféricas do mundo⁹.

Em terceiro lugar, não se pode perder de vista um processo maior, que é a transformação em mercadoria de todos os aspectos da vida social. Por isso que percebemos o turismo como um instrumento da mercantilização de tudo, desde um lugar ao sol até a transformação do folclore em espetáculo programado para os turistas. Além disso, tradições são inventadas¹⁰ e até o grotesco vira atração turística¹¹. E mais: nas

⁵Para detalhes, ver pesquisa do próprio autor (OURIQUES, 2005).

⁶Essas características também estão descritas no artigo de Anita Pleumaron (PLEUMARON, 2007), que coordena o grupo *Tourism Investigation & Monitoring Team*, com sede em Bangkok.

⁷Castells, por exemplo, menciona o papel do turismo internacional na exploração de força de trabalho infantil: “[...] a globalização das atividades econômicas oferece a oportunidade de ganhos substanciais ao se empregarem crianças, obtidos a partir das diferenças entre o custo da mão-de-obra infantil nos países em desenvolvimento e o preço dos bens e serviços cobrados nos mercados mais abastados. Esse é, claramente, o caso do setor de turismo internacional. Os serviços de luxo dos quais os turistas de uma renda média podem usufruir em muitos ‘paraisos tropicais’ dependem, em grande medida, da super-exploração da mão-de-obra local, inclusive de um número significativo de crianças” (CASTELLS, 1999, p. 182).

⁸Segundo esse autor, “[...] esta dependência de fontes externas de mão-de-obra qualificada, juntamente com as exigências do mercado para importação de máquinas, equipamentos, alimentos e outros suprimentos essenciais tem levantado dúvidas sobre a eficácia do turismo para revitalizar economias estagnadas na África Subsaariana” (ANKOMAH, 1991, p. 433).

⁹Isto também foi percebido por Krippendorf (1989), no estudo já citado.

¹⁰Para detalhes sobre a invenção das tradições, ver Urry (1996).

¹¹Nas Filipinas, por exemplo, durante a Semana Santa, em 2004, um ritual de penitência nas quais as pessoas se deixavam pregar à cruz, imitando o

regiões periféricas, o ‘Outro’, isto é, o não ocidental, o não branco e o ‘não civilizado’ vira ele mesmo uma atração turística, um objeto a ser capturado pelas câmeras fotográficas e filmadoras, quando pratica suas danças ‘típicas’, quando exercita seus ‘rituais bárbaros’ ou se veste de ‘forma primitiva’, como descrito por Canclini (1983), Krippendorf (1989) e Turner e Ash (1991). Isso sem falar na transformação do próprio corpo deste ‘outro’ em objeto, isto é, em mercadoria disponível para as necessidades sexuais dos turistas dos países centrais¹².

Mesmo assim, nos países e regiões periféricos, desde há muito que o turismo vem sendo encarado como o ‘passaporte para o desenvolvimento’ (SAAL, 1987). Em muitos lugares, como vários autores (TURNER, ASH, 1991; KLEIN, 2007; KRIPPENDORF, 1989) já ressaltaram, acreditou-se que o turismo seria a forma mais adequada para a promoção do desenvolvimento. Ora, é óbvio que a introdução das atividades turísticas em muitas regiões periféricas produziu algumas ilhas de prosperidade, criando circuitos privilegiados de consumo e produção. Contudo, essa prosperidade restringiu-se a poucos. Nosso argumento é que, de modo geral, a maioria dos residentes das regiões periféricas não se beneficiou e não se beneficia com o ‘progresso’ prometido pelo turismo.

Na realidade, os dados que apresentamos neste artigo sugerem que a condição periférica não é alterada pela atividade turística, e que existe uma desigual distribuição da renda produzida pelo turismo internacional.

Os resultados da Tabela 1, que trata da chegada de turistas nos trinta principais destinos do mundo, mostram que o subconjunto formado pela França, Estados Unidos, Espanha, Itália, Reino Unido, Alemanha, Federação Russa, Áustria, Ucrânia, Canadá, Grécia, Polônia, Holanda, Croácia, Hungria, Dinamarca, Suíça, Coreia do Sul e Romênia foi responsável, em 2009, por 49,49% das chegadas de turistas mundiais. O outro subconjunto, composto por China, Turquia, Malásia, México, Hong Kong, Tailândia, Egito, Arábia Saudita, Macau, Marrocos e Cingapura, foi responsável por 22,47% das chegadas de turistas mundiais. Ao todo, esse conjunto concentrou 71,96% das chegadas de turistas em escala global. A Tabela 1 também

sofrimento de Cristo, levou ao país o dobro de turistas em relação ao ano anterior, conforme noticiado à época (ENCENAÇÃO, 2004).

¹²Ver, por exemplo, Lagunas (2010). Segundo esse autor, “La globalización y el flujo de personas, ideas y mercancías han provocado la mundialización de la industria del sexo a través de cadenas/redes de prostitución y tráfico de personas cada vez más sofisticados, adaptándose a los significados y prácticas cambiantes del sexo. La dominación de los países del Norte sobre los países del Sur y del Este se manifiesta en múltiples formas, entre ellas el turismo sexual” (LAGUNAS, 2010, p. 71).

evidencia o ótimo desempenho da China, que passou de 3,73% das chegadas de turistas em 1995 para 5,67% em 2009. Ao agregarmos os dados de Hong Kong e Macau, a China passa para 8,72% em 2009, ficando em primeiro lugar no ranking mundial, ultrapassando a França.

Tabela 1. Chegada de turistas nos trinta principais destinos turísticos mundiais (em % do total mundial).

País	1995	2000	2005	2008	2009
França	11,16	11,17	9,19	8,47	8,56
Estados Unidos	8,09	7,41	6,03	6,19	6,12
Espanha	6,49	6,71	6,86	6,11	5,81
China	3,73	4,52	5,74	5,67	5,67
Itália	5,77	5,96	4,48	4,57	4,82
Reino Unido	4,04	3,36	3,44	3,22	3,14
Turquia	1,32	1,39	2,49	2,67	2,84
Alemanha	2,76	2,75	2,64	2,66	2,70
Malásia	1,39	1,48	2,01	2,36	2,64
México	3,76	2,99	2,69	2,42	2,39
Áustria	3,19	2,60	2,45	2,35	2,38
Ucrânia	0,69	0,93	2,16	2,72	2,32
Federação Russa	1,91	3,06	2,72	2,53	2,16
Hong Kong (China)	-	1,28	1,81	1,85	1,89
Canadá	3,15	3,84	2,30	1,83	1,75
Grécia	1,88	1,89	1,81	1,70	1,66
Tailândia	1,29	1,39	1,42	1,56	1,58
Egito	0,53	0,74	1,01	1,31	1,33
Polônia	3,57	2,52	1,86	1,39	1,33
Arábia Saudita	0,62	0,95	0,99	1,58	1,21
Macau (China)	0,78	0,75	1,11	1,13	1,16
Holanda	1,22	1,45	1,23	1,08	1,11
Croácia	0,28	0,84	1,04	1,01	1,04
Hungria	0,00	0,00	1,22	0,94	1,01
Dinamarca	0,39	0,51	1,13	0,96	0,95
Marrocos	0,48	0,62	0,72	0,84	0,93
Suíça	1,29	1,13	0,89	0,92	0,92
Coreia do Sul	0,70	0,77	0,74	0,74	0,87
Romênia	1,01	0,76	0,72	0,95	0,84
Cingapura	1,13	0,88	0,87	0,83	0,83

Fonte: WDI (2012). Cálculos do autor a partir dos dados brutos.

Verificando os dados totais da Tabela 2, disponíveis na fonte citada no documento *World Development Indicators* (2011)¹³, percebemos, entre outras coisas, o seguinte: a) os países de renda alta foram responsáveis por 60,06% das chegadas de turistas em 2009; b) os países da União Europeia foram responsáveis por 40,09% das chegadas de turistas em 2009; c) os países de renda média foram responsáveis por 36,91% das chegadas de turistas em 2009.

A Tabela 3, que apresenta a participação dos 30 principais países (em percentual da receita turística mundial), mostra também a concentração existente no setor¹⁴. Apesar da redução ocorrida no período, o conjunto composto por Estados Unidos, Espanha,

França, Alemanha, Itália, Austrália, Áustria, Holanda, Canadá, Grécia, Suíça, Federação Russa, Portugal, Japão, Coreia do Sul, Bélgica, Suécia, Polônia e Croácia representava, em 2008, 60,08% da receita turística internacional. E, não menos importante, com exceção de Portugal, Croácia e Polônia, que apresentavam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado ‘médio’, todos os demais tinham IDH ‘alto’¹⁵. A Tabela 3 também evidencia a participação maior da China no setor. Ao somarmos os resultados de Hong Kong e Macau, a China ficou com 7,13% da receita turística mundial em 2008, o que a colocaria no segundo lugar, perdendo apenas para os EUA.

Tabela 2. Chegada de turistas por região do mundo/grupo de países (em % do total mundial).

Região do Mundo/Grupo de países	1995	2000	2005	2008	2009
Renda Alta	71,47	69,06	63,42	60,49	60,09
Membros da OCDE	68,01	64,69	58,72	55,34	55,31
Renda Alta: OCDE	62,70	60,13	53,34	49,99	49,79
Europa e Ásia Central (todos os níveis de renda)	57,59	57,60	55,29	53,39	53,01
União Europeia	49,74	47,76	43,29	40,36	40,09
Zona do Euro	37,76	37,74	33,23	31,35	31,31
América do Norte	27,60	29,97	35,75	38,70	39,16
Baixa e Média Renda	26,16	28,50	34,14	36,56	36,91
Média Renda	21,29	22,77	26,10	26,87	27,21
Leste Asiático e Pacífico (todos os níveis de renda)	14,47	15,18	18,14	18,70	19,18
Renda média alta	11,31	10,30	8,37	8,07	7,90
Renda Alta: não membros da OCDE	8,86	9,08	10,09	10,63	10,37
Leste Asiático e Pacífico (países em desenv.)	8,70	8,01	7,82	7,61	7,66
América Latina e Caribe (todos os níveis de renda)	8,12	9,07	11,06	11,68	12,00
América Latina e Caribe (países em desenv.)	7,28	6,82	6,76	6,64	6,71
Oriente Médio e Norte da África	6,52	7,64	10,37	11,77	11,77
Renda média baixa	4,82	5,70	8,01	9,68	9,69
Mundo Árabe	4,76	5,72	7,01	8,73	8,79
Europa e Ásia Central (países em desenvolvimento)	4,16	5,17	6,66	8,45	8,54
Or. Médio e Norte da África (países em desenv.)	2,52	3,18	4,02	4,64	5,04
África Subsaariana (países em desenvolvimento)	2,41	2,56	2,87	3,23	3,15
África Subsaariana (todos os níveis de renda)	2,41	2,56	2,87	3,23	3,14
Sul da Ásia	1,09	1,03	1,19	1,69	1,79
Renda Baixa	0,79	0,86	1,18	1,77	1,86
Países menos desenvolvidos (classif. da ONU)	0,71	0,70	0,78	0,90	0,90
Países pobres fortemente endividados	0,67	0,68	1,02	1,37	1,44

Fonte: WDI (2012). Cálculos do autor a partir dos dados brutos.

Analisando a totalidade desses dados de receita turística mundial (Tabela 4), podemos perceber ainda mais a desigualdade na distribuição da riqueza do setor: os países de renda alta detiveram 72,44% da receita em 2009 e os países da OCDE com renda alta detiverem 62,11% da receita turística mundial no mesmo ano. Ao somarmos somente a União Europeia com a América do Norte, percebemos que 55,09% da receita turística mundial estava concentrada nessas duas regiões em 2009, ou seja, parece haver uma hierarquia na distribuição da receita mundial turística, reproduzindo o esquema centro – semiperiferia – periferia descrito por Arrighi (1997). Veja-se a situação da América Latina e Caribe (em todos os níveis de renda):

¹³Esse documento foi a fonte dos dados brutos, convertidos em percentuais, nessa seção. A análise é feita com base nos percentuais porque estamos interessados em apresentar os dados relativos. Em termos absolutos, o peso dos principais países fica ainda mais evidente, principalmente nos dados que se referem a cifras monetárias.

¹⁴Receita turística internacional é o total das receitas turísticas de um país de destino, resultantes das despesas efetuadas pelos turistas não residentes em alojamento, restauração e bebidas, combustível, transportes, entretenimento, compras etc.

¹⁵Aliás, a coluna sobre IDH traz informação importante: dos 30 países listados, 19 tinham IDH alto (sendo um ‘muito alto’, Coreia do Sul), 10 tinham IDH ‘médio’ e somente um, a Índia, tinha IDH ‘baixo’.

correspondia a 5,80% em 1995 e 6,05% em 2009, ou seja, praticamente inalterada no período em questão. A Tabela 4 evidencia, portanto, a desigual participação das regiões/grupos de países na distribuição das receitas turísticas mundiais.

Tabela 3. Receita turística internacional dos 30 principais países (em % do total mundial).

País	1995	2000	2005	2008	IDH em 2009
Estados Unidos	19,25	20,81	14,87	14,56	Alto
Espanha	5,62	5,73	6,41	6,16	Alto
França	6,43	6,76	6,25	5,90	Alto
Alemanha	4,94	4,38	4,90	4,67	Alto
Itália	6,25	5,04	4,64	4,27	Alto
Reino Unido	5,67	5,26	4,76	4,05	Alto
China	1,79	3,04	3,85	3,86	Médio
Austrália	2,45	2,28	2,42	2,45	Alto
Turquia	1,02	1,34	2,38	2,19	Médio
Áustria	2,98	2,00	2,23	2,13	Alto
Tailândia	1,90	1,74	1,46	1,97	Médio
Holanda	2,18	1,98	2,00	1,80	Alto
Hong Kong (China)	1,97	1,44	1,64	1,77	Alto
Malásia	1,04	1,03	1,26	1,62	Médio
Canadá	1,89	2,29	1,93	1,60	Alto
Grécia	0,86	1,62	1,63	1,54	Alto
Suíça	2,33	1,58	1,44	1,54	Alto
Macau (China)	0,66	0,56	0,97	1,50	Alto
Federação Russa	0,89	0,60	0,94	1,38	Médio
México	1,41	1,60	1,55	1,28	Médio
Portugal	1,16	1,06	1,09	1,23	Médio
Japão	1,01	1,05	1,88	1,21	Alto
Coreia do Sul	1,37	1,50	1,00	1,18	Muito Alto
Bélgica	0,93	1,16	1,31	1,14	Alto
Suécia	0,90	0,85	1,04	1,13	Alto
Polônia	1,42	1,07	0,86	1,12	Médio
Índia	0,53	0,63	0,93	1,09	Baixo
Egito	0,61	0,82	0,87	1,06	Médio
Croácia	0,28	0,50	0,92	1,02	Médio
Singapura	1,56	0,90	0,75	0,94	Alto

Fonte: WDI (2012). Cálculos do autor a partir dos dados brutos. Para o Índice de Desenvolvimento Humano, a classificação segue os seguintes intervalos: a) de 0,0 a 0,499 – baixo; b) de 0,50 até 0,799 — médio; c) de 0,8 até 0,899 — alto; d) de 0,9 a 1,0 — muito alto.

A relação entre as Tabelas 2 e 4 reforça nosso argumento. A América Latina e o Caribe, em 2009, foram responsáveis por 12% das chegadas de turistas e, ao mesmo tempo, por 6,05% da receita turística internacional. Quer dizer, parece não haver correspondência entre expansão do número de turistas nas regiões periféricas e expansão das receitas. E o contrário ocorre nas regiões mais desenvolvidas, posto que os países de renda alta foram responsáveis por 60,09% da chegada de turistas e 72,44% das receitas em 2009. A razão parece ser muito simples: como os preços são mais elevados no centro e mais baixos nas periferias, existe essa desproporção entre chegadas e receitas. Em outras palavras, o turismo nas periferias é mais barato do que no centro, daí não haver proporcionalidade entre chegada de turistas e receitas turísticas. De qualquer forma, parece clara a concentração das receitas nos países e regiões mais desenvolvidas.

Tabela 4. Receita turística internacional por região do mundo (em % do total mundial).

Região do Mundo/Grupo de Países	1995	2000	2005	2008	2009
Renda Alta	82,34	79,67	75,21	73,10	72,44
Membros da OCDE	75,93	74,73	70,44	67,10	65,94
Renda Alta: OCDE	73,26	71,58	66,31	63,40	62,11
Europa e Ásia Central (todos os níveis de renda)	49,35	46,22	49,47	48,71	46,95
União Europeia	44,04	41,28	42,29	40,66	39,13
Zona do Euro	33,79	31,85	33,04	31,60	30,50
América do Norte	21,23	23,17	16,85	16,19	15,96
Baixa e Média Renda	17,65	20,33	24,80	26,90	27,56
Média Renda	17,04	19,78	24,10	26,00	26,59
Leste Asiático e Pacífico (todos os níveis de renda)	16,82	16,38	18,04	19,12	20,28
Renda média alta	13,06	15,22	18,58	19,62	20,20
Renda Alta: não membros da OCDE	8,69	7,62	8,55	9,41	10,08
Leste Asiático e Pacífico (países em desenv.)	6,41	7,52	8,06	9,05	9,17
América Latina e Caribe (todos os níveis de renda)	5,80	6,93	6,36	5,90	6,05
América Latina e Caribe (países em desenv.)	4,49	5,37	5,03	4,81	4,91
Oriente Médio e Norte da África	4,28	4,85	6,15	6,93	7,56
Renda média baixa	3,99	4,57	5,51	6,38	6,39
Mundo Árabe	3,31	3,74	5,72	6,43	7,10
Europa e Ásia Central (países em desenvolvimento)	2,47	2,85	5,10	5,95	5,80
Or. Médio e Norte da África (países em desenv.)	2,01	2,26	3,31	3,67	4,09
África Subsaariana (países em desenvolvimento)	1,42	1,40	2,12	2,09	2,18
África Subsaariana (todos os níveis de renda)	1,42	1,40	2,12	2,09	2,18
Sul da Ásia	0,82	0,90	1,18	1,35	1,41
Renda Baixa	0,65	0,58	0,74	0,95	1,03
Países menos desenvolvidos (classif. da ONU)	0,49	0,53	0,69	0,91	1,03
Países pobres fortemente endividados	0,44	0,53	0,76	0,91	0,98

Fonte: WDI (2012). Cálculos do autor a partir dos dados brutos.

A Tabela 5, apresentada acima, também traz informações importantes para nossa linha argumentativa. Expressando a participação das receitas do turismo internacional nas exportações dos países, os dados indicam que as principais economias do mundo são pouco dependentes desta atividade, posto que economias mais modestas são claramente mais dependentes das receitas turísticas. E mais, dos 30 principais destinos turísticos do mundo (listados na Tabela 1), apenas dois (Hong Kong e Croácia) estão entre os 30 países com maior participação da receita turística em suas exportações. Em outras palavras, os principais destinos turísticos do mundo e principais países na retenção das receitas turísticas mundiais dependem relativamente menos dessa atividade do que os países que são menos relevantes turisticamente, ou seja, quanto maior o nível de desenvolvimento, menor a dependência econômica em relação ao turismo internacional.

Essa afirmação pode ser compreendida ao citarmos o caso da França, principal destino turístico internacional (Tabela 1) e terceira colocada no ranking de receitas turísticas (Tabela 3), pois a participação das receitas do turismo internacional nas exportações do país foi de 9,57% em 2009, muito abaixo de todos os países listados na Tabela 5. Mesmo a Espanha (terceira em chegadas e segunda em receitas), claramente mais dependente das receitas turísticas (16,92% do total das exportações em 2009), está muito abaixo de qualquer um dos 30 países mais dependentes das receitas turísticas. Na verdade, não é o turismo, por si só, que leva ao desenvolvimento, mas é o desenvolvimento

econômico, como processo de expansão geral de uma dada economia (isto é, expansão da indústria, da agricultura, dos serviços...), que proporciona as condições para que o turismo se desenvolva. A situação da China talvez seja emblemática: o bom posicionamento chinês em termos de chegadas turísticas e receitas turísticas, no período 1995-2009, é claramente um reflexo da ascensão chinesa, materializada pela transformação paulatina daquele país em epicentro do processo de acumulação em escala mundial (industrialização acelerada, melhoria da renda, política macroeconômica etc.). Não é o turismo o elemento-chave do desenvolvimento chinês, mas é o desenvolvimento econômico chinês que tornou a região mais atrativa em termos turísticos e transformou os chineses em turistas internacionais, por conta da maior abertura econômica e política daquele país¹⁶.

Tabela 5. Participação da receita turística internacional nas exportações dos 30 principais países do ranking (em % do total das exportações do país).

País	1995	2000	2005	2008	2009
Macau (China)			74,70	88,83	92,73
Maldivas	66,39	70,22	59,23	63,12	73,37
Samoa	55,38		63,60	62,56	66,89
Bahamas	76,71	71,90	68,01	62,01	65,47
Cabo Verde	34,74	43,87	49,40	60,26	61,19
Barbados	59,13	56,62	53,92	58,71	59,99
Polinésia Francesa			58,71	50,41	59,45
Albânia	23,18	56,57	48,33	48,23	56,98
Granada	61,41	39,45	47,69	57,43	56,42
Antigua and Barbuda	61,50	58,74	56,67	53,79	55,57
St. Lucia	60,58	74,56	72,77	58,76	54,42
Dominica	39,08	33,22	44,06	50,52	54,31
Jamaica	35,33	43,95	44,64	40,11	51,26
St. Vincent and the Grenadines	38,88	45,70	51,86	45,68	45,76
Fiji	34,05	30,00	47,08	45,46	45,49
St. Kitts and Nevis	53,16	38,67	53,38	47,81	44,71
São Tomé e Príncipe		60,86	45,78	43,98	42,25
Aruba	27,81	24,04	22,90	25,36	41,06
Ruanda	5,37	21,13	19,05	30,39	40,85
Croácia	19,35	33,21	40,39	39,43	40,77
República Dominicana	27,41	31,90	34,90	35,61	38,71
Seychelles	67,43	46,71	37,38	37,13	36,11
Belize	26,23	25,55	34,13	32,08	35,15
Haiti	46,79	25,41	13,22	33,13	33,77
Maurício	26,22	27,91	31,65	36,99	33,27
Líbano			44,18	27,68	33,13
Etiópia	23,06	20,66	27,62	33,69	32,59
Jordânia	27,97	26,42	26,51	28,51	31,76
Marrocos	16,24	21,81	28,88	26,33	30,25
Nepal	22,55	17,08	12,47	20,64	28,46

Fonte: WDI (2012). Cálculos do autor a partir dos dados brutos.

Voltando ao tema da concentração das receitas mundiais no setor turístico, é preciso mencionar que até mesmo autores pró-turismo (como os abaixo citados) reconhecem essa situação: “[...] as receitas do turismo contemplam essencialmente o mundo

¹⁶De um lado, a política cambial favorável aos turistas estrangeiros. Com o câmbio desvalorizado, os preços internos chineses foram e são atraentes para os turistas, ou seja, é relativamente barato viajar e permanecer na China. De outro lado, o incremento na renda dos chineses, levando ao surgimento de uma classe média, combinado com a maior liberdade de circulação, fez com que os chineses se transformassem também em turistas a partir do processo de reforma e abertura iniciado a partir da chegada de Deng Xiaoping ao poder.

desenvolvido, onde se localizam as principais agências de viagem” (ROBINSON, 1999, p. 22).

Isso também já foi ressaltado por Cazes (1999), que destacou a crescente dependência dos países do Sul em relação ao sistema turístico multinacional, através de dois movimentos complementares. O primeiro movimento, de acordo com esse autor, é o desengajamento do Estado, que

[...] em numerosos países do Sul, retrocede ao setor privado: companhias aéreas e outros transportes, hotéis e resorts, cassinos, centros de convenção, marinas, complexos turísticos, mesmo centrais de aprovisionamento, agências e escritórios de turismo, escolas de formação profissional (CAZES, 1999, p. 82).

O segundo movimento diz respeito ao controle que o capital turístico das firmas mundiais, sediadas nos países centrais, tem sobre a cadeia produtiva do turismo, tendo em vista a

[...] constituição ou reforço de uma rede turística transnacional de algumas firmas mundiais levadas, segundo as oportunidades, nas operações de controle vertical (transporte – produção e distribuição de viagens, hospedagem turística etc.; ilustrada na França por *Nouvelles-Frontières*, na Alemanha pelo primeiro operador do mundo, TUI) ou do desenvolvimento horizontal (como a constituição de megagrupos hoteleiros) (CAZES, 1999, p. 82).

Particularmente, o primeiro movimento, de privatização e desregulamentação, aparece em publicação da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001) como crucial para o ‘desenvolvimento’ do turismo na periferia. A OMT está defendendo abertamente os princípios da Organização Mundial do Comércio, que apregoa a abertura total das economias nacionais, especificamente para as atividades de serviços, que contemplam o setor turismo. Abertura esta traduzida na eliminação de restrições à entrada de capitais estrangeiros, controle de recursos naturais e acesso ao crédito e às isenções locais¹⁷.

Uma observação atenta na listagem das 300 maiores corporações hoteleiras do mundo (em número de leitos), no ano de 2010, evidencia onde se localiza quem comanda uma das atividades mais importantes do setor turístico (HOTELS, 2011). Quase 50% das empresas listadas (143) são sediadas nos EUA, por exemplo. Digno de nota é o fato de que, entre as 20 maiores redes hoteleiras existir somente duas fora do eixo EUA-Europa (Tabela 6), sediadas na China¹⁸. Esses dados, preliminarmente,

¹⁷Em outras palavras, a OMT prescreve para o turismo a mesma receita genérica de abertura total e indiscriminada de mercados, relativa a outros setores da economia, que significa a capituloção final das políticas nacionais de desenvolvimento da periferia, substituídas pela dominação pura e simples dos grandes grupos industriais e financeiros internacionais.

¹⁸E isso também é indicador da ascensão econômica chinesa, em curso desde os anos 1980.

parecem indicar a concentração das recompensas desse setor nos países centrais¹⁹.

Tabela 6. Lista das 20 maiores corporações hoteleiras mundiais em 2010 (em número de leitos).

Companhia	Leitos em 2010	Hotéis em 2010
InterContinental Hotells Group (Inglaterra)	647.161	4.437
Marriton International (EUA)	618.104	3.545
Wyndham Worldwide (EUA)	612.735	7.207
Hilton Worldwide. (EUA)	604.781	3.671
Accor (França)	507.306	4.229
Choice Hotels International (EUA)	495.145	6.142
Starwood Hotels & Resorts Worldwide (EUA)	308.736	1.041
Best Western International (EUA)	308.692	4.038
Carlson Hotels Worldwide (EUA)	162.143	1.064
Hyatt Hotels Corp. (EUA)	127.507	453
Westmont Hospitality Group (EUA)	116.913	813
Shanghai Jin Jiang International Hotel Group Ltd. (China)	107.019	707
Home Inns & Hotels Management (China)	93.898	818
The Rezidor Hotel Group (Bélgica)	87.868	411
Meliá Hotels International (Espanha)	87.000	350
LQ Management LLC (EUA)	83.635	820
TUI Hotels & Resorts (Alemanha)	79.511	261
Louvre Hotels Group (França)	78.230	1.023
Extended Stay Hotels (EUA)	77.200	683
Iberostar Hotels & Resorts (Espanha)	67.400	101

Fonte: Hotels (2011).

Como informação adicional, podemos mencionar que a rede *InterContinental Hotels*, de origem inglesa, está presente em 100 países. O grupo estadunidense *Starwood Hotels & Resort Worldwide* está presente em 95. Já o grupo francês *Accor* se faz presente em 90 países. Os grupos *Hilton Hotels Corp.*, *Best Western International* e *Carlson Hospitality Worldwide* estão presentes, cada um, em mais de 70 países.

Contrariando os mitos ideologicamente estabelecidos, afirma-se aqui que, nas periferias do capitalismo, o turismo não se constitui em ‘motor do desenvolvimento’. Por isso, registremos aqui a concordância com Archer e Cooper (2001, p. 91), que afirmaram:

[...] nos casos mais extremos, o turismo internacional impôs aos países emergentes uma forma de desenvolvimento de tipo neocolonial. Esse neocolonialismo retira poder dos níveis local e regional e o concentra nas mãos das companhias multinacionais.

E mesmo o aporte de divisas estrangeiras àqueles países pequenos que têm no turismo sua principal atividade econômica, acaba não beneficiando a maioria de suas populações. É isso o que também diz Cazes (1999):

[...] muitos países frágeis e pouco diversificados economicamente devem importar o essencial dos equipamentos e dos produtos exigidos pelos visitantes estrangeiros... Um cálculo minucioso das contas exteriores do turismo, levando em consideração o conjunto das entradas e das saídas

financeiras produzidas pela recepção do turismo internacional, conduz o mais freqüentemente, a confirmar o pensamento pessimista de François Ascher: ‘não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas é o desenvolvimento geral de um país que torna o turismo rentável’ (CAZES 1999, p. 80, grifo nosso).

Essa desigual apropriação da renda gerada pelo turismo já vem sendo notada há muito tempo. Em seu estudo sobre as pequenas economias insulares do Pacífico, Britton (1982) chegou à conclusão de que a indústria turística internacional, por conta do poder econômico, impunha aos destinos periféricos um estilo de desenvolvimento que reforçava a dependência e a vulnerabilidade em relação às economias centrais. Segundo esse autor, o controle do capital internacional sobre as atividades turísticas implicava que o grosso da renda gerada ficava nas mãos da elite local e dos estrangeiros.

Como já ressaltamos em outro trabalho (OURIQUES, 2005), quando é analisado o que acontece em vários locais do planeta, nos quais as canalizações de água e esgoto que servem a hotéis luxuosos passam por bairros pobres sem ser a elas ligadas; nos quais a eletricidade que ilumina e aquece o banho dos turistas não chega até as comunidades locais; nos quais o asfalto que passa pelos roteiros turísticos contrasta com as ruelas esburacadas e enlameadas dos bairros pobres, muitas vezes a poucos metros da modernidade automobilística; pode-se concluir que a especificidade do desenvolvimento pelo turismo, para a imensa maioria dos habitantes do mundo periférico, não passa de uma ilusão.

Ao mesmo tempo, parece claro que o turismo está mudando a geografia do mundo, inserindo nos circuitos econômicos globais localidades, regiões e países das periferias capitalistas. Contudo, é cada vez mais evidente que o turismo não é, por si só, mais indutor do desenvolvimento do que as atividades agrícolas ou industriais. E tem se mostrado incapaz de reduzir a enorme distância que separa o centro da periferia. Passados mais de cinquenta anos de distintos projetos de desenvolvimento turístico nos países e regiões periféricos, alguém poderia afirmar que a região do Caribe, o Egito, a Tailândia ou as Ilhas Maldivas, para ficar somente nesses exemplos, saíram da condição periférica? Alguns dos principais destinos turísticos da periferia efetivamente alcançou o desenvolvimento? Há pouca evidência empírica que nos permita asseverar que o turismo possa continuar sendo encarado como um ‘passaporte para o desenvolvimento’, ou uma fuga da condição periférica. Na verdade, podemos perceber que as ‘periferias do prazer’, para usar a expressão de Turner e Ash (1991) continuam sendo o que sempre foram: periferias.

¹⁹Aliás, em um estudo publicado na década de 70, Armand Mattelart destacou a existência da concentração de capitais do setor hoteleiro em escala global nas economias centrais (MATTELART, 1974).

Por fim, vale a pena concluirmos nossa reflexão mencionando Wallerstein (2001). Ao efetuar um balanço sobre o moderno sistema-mundo, argumentando que a qualidade de vida individual decresceu, ao invés de ter aumentado, este autor apresenta a atividade turística como uma das evidências dessa tese. Para o autor, mesmo sendo uma das ‘mais notáveis invenções da civilização capitalista’, o turismo é expressão da distribuição desigual das riquezas de nosso tempo. Ele lembra que,

[...] em nenhum sistema histórico anterior existiu o conceito de que pessoas, mesmo ricas e poderosas, pudessem gastar parte do seu tempo isentas do trabalho gerador de renda para viajar, observar e desfrutar prazeres que não fizessem parte do seu padrão normal de vida (WALLERSTEIN, 2001, p. 106).

A viagem turística tornou-se uma expectativa normal dos estratos médios do mundo, mas não se pode, a rigor, falar em ‘turismo em massa’, porque somente de 5% a 10% da população mundial, segundo o autor, podem efetivamente viajar turisticamente. E, como argumenta Wallerstein (2001), [...] por menor que seja, esse fluxo aumentou de tal modo a depredação, que ameaça a própria existência dos objetos mais requisitados pelo próprio turismo (WALLERSTEIN, 2001, p. 107).

É evidente que seria ingenuidade não reconhecermos a formidável expansão quantitativa no ato de viajar turisticamente, tendo em conta o conhecido avanço nos meios de transporte ocorrido desde meados do século XIX, com a disseminação das ferrovias. O que é preciso ressaltar é que as viagens turísticas não são e não podem ser exercidas por todos os homens e mulheres do planeta. Mesmo porque, como apontado por Turner e Ash (1991, p. 12), “[...] em muitas partes do mundo, é incomum o fato de parte da população passar as férias fora do país”. Os dados do turismo mundial indicam, na verdade, que são os países e regiões centrais, mais desenvolvidas, que concentram o turismo emissivo mundial²⁰, além de concentrarem a chegada de turistas e as receitas turísticas, como mostramos anteriormente. Em outras palavras, o turismo também expressa a desigualdade histórica existente no mundo.

²⁰Os países de Renda Alta foram responsáveis por 58,18% do turismo emissivo em 2008 (67% em 1995). Somente a União Europeia foi responsável por 42,47% do turismo emissivo no mesmo ano (e por 47% em 2000). Os dados mostram uma redução na participação de ambos os segmentos aqui mencionados. Mesmo assim, não houve uma melhor distribuição nos fluxos de viajantes em escala global, pois poucos foram os países periféricos que aumentaram suas participações relativas. É digno de menção o desempenho da China: foi responsável por 0,81% das partidas de turistas em 1995 e por 4,79% em 2008. Os dados de Hong Kong para 2008 também são impressionantes: 8,56% do turismo emissivo internacional. Em contraste, a América Latina e o Caribe, juntos, ficaram com uma participação praticamente inalterada no período (4,18% em 1995 e 4,56% em 2008). Para maiores detalhes, ver Anexo.

Considerações finais

O que se pode concluir acerca da discussão precedente? Em primeiro lugar, evidencia-se que o turismo é um veículo da modernização capitalista. Talvez seja essa sua principal função na globalização contemporânea: introduzir as relações sociais especificamente capitalistas, subordinando e mesmo extinguindo, muitas vezes, as formas sociais arcaicas, tradicionais. Klein (2005), ao discutir a relação entre o *Tsunami* e o capitalismo, diretamente tocou no assunto, quando comentou:

Ahora el Banco Mundial esta usando el tsunami del 26 de diciembre para empujar sus políticas cortantes. Los países mas devastados que casi no ha visto alivio de su deuda y la mayor parte de la ayuda de emergencia del Banco Mundial ha ido en forma de prestamos, no a fondo perdido. Mas que enfatizar la necesidad de ayudar a las pequeñas comunidades pesqueras – mas de 80% de las víctimas de las olas – el banco esta empujando la expansión del sector turístico y granjas piscícolas industriales. Para las infraestructuras públicas dañadas, como carreteras y colegios, los documentos del banco reconocen que reconstruirlos ‘podría pensionar las finanzas públicas’ y sugiere que los gobiernos consideren las privatizaciones (si, solo tienen una idea). ‘Para ciertas inversiones’, según se dicen en el plan de respuesta al tsunami del banco, ‘podría ser apropiado utilizar financiación privada’ (KLEIN, 2005, p. 3-4).

De acordo com a autora citada, a Secretaria de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, provocou uma pequena controvérsia quando descreveu o *Tsunami* como “[...] una maravillosa oportunidad que ha pagado grandes dividendos para nosotros” (KLEIN, 2005, p. 3-4). Qual o sentido dessa declaração? É que o desastre natural literalmente varreu das zonas costeiras populações inteiras, facilitando a acumulação de capital turístico. Por isso, diz a autora, citando uma entidade ligada à reconstrução local da Tailândia (*Thailand Tsunami Survivors and Supporters*),

[...] para los políticos negociantes, el tsunami era la respuesta a sus oraciones, ya que literalmente barrió estas áreas costeras de las comunidades que habían previamente paralizado sus planes turísticos, hoteles, casinos y sus granjas de gambas. Para ellos, todo esta área costera era ahora tierra abierta! (KLEIN, 2005, p. 3-4).

Em livro escrito posteriormente, Klein (2007) menciona uma pesquisa feita pela ONG *ActionAid*, realizada com 50.000 sobreviventes de cinco países afetados pelo tsunami. Segundo a autora,

[...] en todas as partes se repetían las mismas pautas: los residentes fueron excluidos de la reconstrucción pero los hoteles fueron colmados de incentivos; los campamentos temporales fueron confinados en miserables campos militarizados sin haberse realizado

apenas una reconstrucción permanente; completas formas de vida estaban desapareciendo (KLEIN, 2007, p. 520).

Esses são excelentes exemplos do processo de acumulação via espoliação, descrito no início desse artigo. E trata-se, nesse caso, do aproveitamento de uma oportunidade oriunda de um desastre natural para instituir rapidamente a lógica das relações capitalistas²¹, alterando a forma de propriedade e levando a parte da população que voltará à costa litorânea modificada a inserir-se nas relações assalariadas de trabalho. Em síntese, eis uma forma acelerada de modernização turística.

Em segundo lugar, o turismo é um poderoso agente de transformações sociais e espaciais. Menciona-se isso porque as atividades ligadas ao turismo são ‘consumidoras’ de espaço, através da criação das infraestruturas hoteleiras, de alimentação, de comércio e de especulação imobiliária (o leitor deve ter em mente os grandes prédios que surgem na paisagem das orlas marítimas) e mesmo das infraestruturas públicas, como rodovias pavimentadas. É por isso que, para retomar as afirmações feitas no início desse texto, o turismo desponta nas regiões periféricas como a mais recente promessa de desenvolvimento e, em alguns discursos (inclusive acadêmicos), como a única chance de se alcançar o tão almejado desenvolvimento.

Os dados relativos às receitas turísticas internacionais, apresentados neste artigo, sugerem a existência de uma concentração da renda produzida no setor, reproduzindo a hierarquia histórica da economia mundial. Além disso, a constatação de que as principais redes hoteleiras mundiais são sediadas em países do centro é mais uma evidência da desigualdade na distribuição e apropriação da renda gerada pelo turismo. Registre-se que há ainda muito a ser feito, no sentido de reforçar o argumento de que o turismo é uma expressão da estratificação da economia mundial. Em pesquisa futura, pretendemos apresentar mais evidências empíricas da concentração de capitais no setor (presença das redes internacionais em países periféricos em relação a redes autóctones; concentração das empresas de transporte nos países centrais etc.). A pesquisa deve também caminhar no sentido de evidenciar a dependência dos países periféricos em relação ao turismo, com um estudo

das contas nacionais em perspectiva histórica comparativa. Os primeiros levantamentos estão sendo feitos e esperamos, futuramente, apresentar alguns resultados.

Referências

- ANKOMAH, P. K. Tourism skilled labor: the case of Sub-Saharan Africa. *Annals of Tourism Research*, v. 18, p. 433-442, 1991.
- ARIENTI, W. L.; FILOMENO, F. A. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. *Ensaio FEE*, v. 28, n. 1, p. 99-126, 2007.
- ARCHER, B.; COOPER, C. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, W. F. (Org.). **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001. p. 95-102.
- ARRIGHI, G. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRITTON, S. G. The political economy of tourism in the Third World. *Annals of Tourism Research*, v. 9, p. 331-358, 1982.
- BROHMAN, J. New directions in tourism for Third World development. *Annals of Tourism Research*, v. 23, n. 1, p. 48-70, 1996.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTELLS, M. **Fim de milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Terceiro Volume da trilogia A era da informação: economia, sociedade e cultura).
- CAZES, G. Turismo e subdesenvolvimento: tendências recentes. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CHÁVEZ, R. Globalización y turismo: mezcla mortal para los pueblos indígenas. *Revista del Sur*, n. 91, maio, 1999. Disponível em: <<http://www.revistadelsur.org.uy>>. Acesso em: 20 mai. 2003.
- DOMRÖS, M. Tourism in the Maldives: the potential of its natural attraction and its exploitation. *Applied Geography and Development*, v. 36, p. 61-77, 1990.
- ENCENAÇÃO realista da Paixão de Cristo leva às Filipinas o dobro de turistas de 2003. Disponível em: <<http://www.estudosturisticos.com.br>>. Acesso em: 14 abr. 2004.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HOTELS Magazine. September, 2011. Disponível em: <<http://www.hotelsmag.com>>. Acesso em: 17 abr. 2012
- HOTELS Magazine. September, 2007. Disponível em: <<http://www.hotelsmag.com>>. Acesso em: 17 abr. 2012
- HOTELS Magazine. **Companies in the most countries**. Disponível em: <<http://www.hotelsmag.com>>. Acesso em: 17 abr. 2012.
- HUSSEY, A. Tourism in a balinese village. *The Geographical Review*, v. 79, n. 3, p. 312-325, 1989.
- KLEIN, N. **El auge del capitalismo del desastre**. Disponível em: <<http://www.rebelion.org>>. Acesso em: 5 maio 2005.

²¹No livro escrito dois anos depois desse artigo, Klein (2007) apresenta mais informações a respeito de situações desse tipo, incluindo acontecimentos na baía de Arugam, no Sri Lanka. A autora também menciona que processos semelhantes estavam ocorrendo, à época, nas Maldivas, relatando que o governo, antes da tragédia, tentava retirar os pescadores de pequenas ilhas de interesse turístico. Após o tsunami, o governo implantou um plano de evacuação das ilhas, sem incluir os complexos turísticos: “En diciembre de 2005, un año después del tsunami, el gobierno de Gayoom [que está no poder desde 1978] declaró que estaban disponibles treinta y cinco nuevas islas para ser arrendadas como complejos turísticos por más de cincuenta años. Mientras tanto, en las llamadas islas seguras proliferaba el desempleo y estallaba la violencia entre los recién llegados y los residentes originarios” (KLEIN, 2007, p. 523).

- KLEIN, N. **La doctrina del shock.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2007.
- KRIPPENDORF, J. **Sociología do turismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LAGUNAS, D. El poder del dinero y el poder del sexo. Antropología del turismo sexual. **Perfiles Latinoamericanos**, n. 36, p. 72-98, 2010.
- MATTELART, A. **La cultura como empresa multinacional.** México: Ediciones Era, 1974.
- OURIQUES, H. R. **A produção do turismo:** fetichismo e dependência. Campinas: Átomo e Alínea, 2005.
- OURIQUES, H. Um breve panorama sobre o desenvolvimento do turismo na periferia do capitalismo. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 29, p. 55-67, 2007.
- OMT-Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Rocca, 2001.
- PLEUMARON, A. El turismo beneficia el Tercer Mundo? **Revista del Sur**, n. 174, noviembre – diciembre, 2007, 2 f. Disponível em: <<http://www.revistadelsur.org.uy>>. Acesso em: 15 jun. 2009.
- POIRIER, R. A. Tourism and development in Tunisia. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 1, p. 157-171, 1995.
- ROBINSON, M. Por um turismo consensual. In: Turismo e cultura. Um casamento por conveniência. **O Correio da Unesco**, set.-out., p. 22-23, 1999.
- SAAL, U. "...Cuando los turistas llegaron...". Desarrollo y Cooperación. **Fundación Alemana para el Desarrollo Internacional**, n. 2, p. 8-11, 1987.
- TURNER, L.; ASH, G. **La horda dorada.** Madrid: Ediciones Endymion, 1991.
- URRY, J. **O olhar do turista.** São Paulo: Senac/Studio Nobel, 1996.
- VARGAS, R. **En el otro Cancún, suicídios y pobreza para descendientes mayas.** La Jornada, México, 2003. Disponível em: <<http://www.lajornada.mex>>. Acesso em: 10 set. 2003.
- WALLERSTEIN, I. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** São Paulo: Contraponto, 2001.
- WDI-World Development Indicators – 2011. Disponível em: <<http://www.worldbank.org>>. Acesso em: 10 maio 2012.

Received on April 30, 2012.

Accepted on September 17, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Anexo

Partidas de turistas internacionais dos trinta principais emissores (países/regiões emissoras) – (em % do total mundial, com base no ano de 2008).

País/Região do Mundo	1995	2000	2005	2008
Mundo	100	100	100	100
Países de Renda Alta	67,32	65,91	61,30	58,18
Membros da OCDE	64,82	63,35	59,58	56,09
Alta Renda: OCDE	62,69	61,15	56,99	53,47
Europa e Ásia Central (todos os países)	56,25	55,08	53,49	52,24
União Europeia	0,00	47,18	44,58	42,47
Países de Média e Baixa Renda	25,81	26,88	33,11	38,42
Média Renda	23,87	24,55	30,10	34,95
Renda Média Alta	17,24	17,02	20,90	24,93
Zona do Euro	0,00	24,50	23,95	22,10
Europa e Ásia Central (em desenvolv.)	8,85	8,11	9,86	11,53
América do Norte	12,51	11,02	9,93	9,49
Hong Kong (China)	0,00	0,00	8,47	8,56
Países de Renda Média Baixa	5,06	6,21	7,58	8,06
Alemanha	0,00	10,18	9,06	7,63
Reino Unido	7,44	7,78	7,79	7,21
Estados Unidos	9,23	8,39	7,44	6,64
Polônia	6,55	7,75	4,78	5,25
China	0,81	1,43	3,63	4,79
América Latina e Caribe	4,18	4,24	4,31	4,54
América Latina e Caribe (em desenvolv.)	3,93	4,05	4,12	4,37
Federação Russa	3,84	2,51	3,33	3,82
Oriente Médio e Norte da África	3,44	3,69	3,58	3,65
Itália	0,00	3,01	2,90	2,96
Canadá	3,28	2,62	2,47	2,83
França	3,36	2,72	2,63	2,20
Holanda	2,32	1,90	2,00	1,93
Hungria	2,35	1,51	2,18	1,82
Japão	2,75	2,44	2,04	1,67
Ucrânia	1,18	1,84	1,93	1,62
Sul da Ásia	0,93	0,98	1,35	1,59

Fonte: WDI (2012).